

Eliot e a cultura

“Podemos afirmar com alguma convicção que nosso próprio período é uma era de declínio; que os padrões de cultura são inferiores em relação ao que eram 50 anos atrás; e que as evidências deste declínio são visíveis em cada segmento da atividade humana”. Estas linhas, ao contrário do que alguns possam pensar, não foram escritas hoje, e sim nos anos 40 do século passado. Assim elas prosseguem: “Não vejo razão alguma para que a decadência da cultura não se aprofunde, e porque não poderíamos prever um período no qual seja possível afirmar que não temos

cultura nenhuma”. Tendo em vista que as expectativas ali presentes são as de sete décadas atrás, e que seu autor tinha tão baixa opinião de sua época, seria justo perguntar-lhe o que nos diria se tivesse de escrever, hoje, o livro do qual elas fazem parte. Este livro é “Notas para a definição de cultura” (É Realizações, 140 páginas, tradução de Eduardo Wolf), e o autor das linhas em questão é o poeta americano T.S. Eliot.

É difícil imaginar o que ele nos diria. Escritas sob o impacto da Segunda Guerra, estas linhas mostram um autor menos preocupado com o futuro da cultura ocidental e europeia do que com aquilo que, naquele momento, lhe estava acontecendo - em especial, e antes de tudo, com o mau uso da palavra cultura. Neste ensaio, dividido em sete partes, Eliot dispõe-se a investigar e delimitar o que “cultura” quer dizer. Muito inteligentemente, escapa à tentação de jogar-nos definições dicionaresecas à cara - o que macularia a ideia mesma do livro - e o mais próximo que chega de fazer isso é este trecho: “a cultura pode mesmo ser descrita simplesmente como aquilo que torna a vida digna de ser vivida”.

